RESSIGNIFICANDO O HIPERFOCO NO TEA: PERSPECTIVAS DAS TEORIAS DA APRENDIZAGEM E DO DESENVOLVIMENTO PARA UMA EDUCAÇÃO DE CIÊNCIAS VERDADEIRAMENTE INCLUSIVA

Haydéa Maria Marino de Sant'Anna Reis (Apoio FUNADESP)

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde e do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Afya Universidade Unigranrio

hmaria@unigranrio.edu.br

Andreia Barros Vancini

Estudante de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde da Unigranrio Afya.

andreiavancini8@gmail.com

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise aprofundada do conceito de hiperfoco em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) sob a ótica de teorias clássicas da aprendizagem e do desenvolvimento humano. Discute-se como a compreensão dessas perspectivas pode ressignificar o hiperfoco, transformando-o de uma limitação frequentemente percebida no autismo para uma potencialidade didática. O artigo explora a relevância intrínseca dessas teorias para o desenvolvimento e a implementação de abordagens pedagógicas genuinamente inclusivas no ensino de Ciências. Busca-se demonstrar como a valorização das habilidades singulares dos alunos autistas pode promover um sistema educacional mais equitativo, acolhedor e cientificamente embasado, em plena conformidade com a legislação brasileira de inclusão, contribuindo para uma educação que celebra a neurodiversidade.

ABSTRACT

This paper proposes an in-depth analysis of the hyperfocus concept in children with Autism Spectrum Disorder (ASD) from the perspective of classic theories of learning and human development, such as those by Piaget, Vygotsky, Rogers, and Wallon. It discusses how understanding these perspectives can reframe hyperfocus, transforming it from a "limitation" often associated with autism into a didactic "potentiality." The article explores the intrinsic relevance of these theories for the development and implementation of genuinely inclusive pedagogical approaches in Science education. The aim is to demonstrate how valuing the unique abilities of autistic students can promote a more equitable, welcoming, and scientifically grounded educational system, in full compliance with Brazilian inclusion legislation, contributing to an education that celebrates neurodiversity.

Palavras-chave: Transtorno do espectro Autista, Hiperfoco, Teorias da Aprendizagem.

Introdução

A educação inclusiva, preconizada por legislações progressistas como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), tem se consolidado como um imperativo ético e pedagógico no Brasil. Essa transformação paradigmática busca assegurar o direito à educação de qualidade para todos, sem exceção, abraçando a diversidade inerente ao ambiente escolar. Nesse contexto, a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) emerge como um desafio e, simultaneamente, uma oportunidade ímpar para o aprimoramento das práticas educacionais. O Censo Escolar de 2023, com dados alarmantes sobre a prevalência de matrículas de alunos com TEA na educação especial, sublinha a urgência de abordagens pedagógicas que respondam às suas necessidades específicas.

Dentre as diversas características associadas ao TEA, o hiperfoco se destaca por sua intensidade e persistência. Essa profunda concentração em temas específicos foi, por vezes, interpretada como uma limitação, dificultando o engajamento em atividades curriculares consideradas ‘não interessantes’. Contudo, uma perspectiva mais contemporânea e neurodiversa tem ressignificado o hiperfoco, reconhecendo-o como uma potencialidade atencional valiosa que, se bem direcionada, pode se tornar um poderoso catalisador da aprendizagem.

Este trabalho propõe-se a explorar essa ressignificação do hiperfoco, analisando-o à luz de teorias fundamentais da aprendizagem e do desenvolvimento humano. Sendo investigado como as contribuições de Jean Piaget, 2007, (construtivismo - epistemologia genética), Lev Vygotsky, 1993, (histórico-cultural), Carl Rogers, 1992, (humanismo) e Henri Wallon, 2007, (afetividade) oferecem um arcabouço teórico robusto para compreender e capitalizar o hiperfoco como estratégia didática eficaz no ensino de Ciências para alunos com TEA. A escolha do ensino de Ciências não é aleatória; sua natureza investigativa, exploratória e concreta oferece um terreno fértil para o aproveitamento dos interesses intensos e detalhados frequentemente associados ao hiperfoco.

A metodologia empregada neste estudo fundamenta-se em uma revisão teórica, com análise crítica da literatura existente sobre TEA, hiperfoco, educação inclusiva e as teorias da aprendizagem supracitadas. O objetivo é estabelecer conexões conceituais que permitam visualizar o hiperfoco não como um desvio a ser corrigido, mas como um ponto de partida valioso para a construção do conhecimento, especialmente em um ambiente escolar que busca ser verdadeiramente inclusivo. A consistência e pertinência dessa abordagem metodológica são cruciais para a validação das propostas aqui discutidas, que visam subsidiar educadores na criação de ambientes de aprendizagem mais equitativos e engajadores.

Este artigo está estruturado em quatro seções principais: após esta introdução, na Fundamentação Teórica aborda-se as concepções de TEA e hiperfoco, detalhando em seguida as lentes interpretativas oferecidas pelas teorias de Piaget (2007), Vygotsky (1993), Rogers (1992) e Wallon(2007). No Desenvolvimento do Tema se dedica a exemplificar como o hiperfoco pode ser integrado de forma prática e interdisciplinar ao ensino de Ciências, destacando as contribuições específicas desta perspectiva para a prática pedagógica. Por

fim, nas Considerações Finais encontram-se sintetizados os achados que apontam implicações para futuras pesquisas e para a qualificação da educação inclusiva.

Fundamentação Teórica

A compreensão do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e de suas características intrínsecas, como o hiperfoco, tem evoluído significativamente, movendo-se de uma visão patologizante para uma perspectiva neurodiversa que reconhece a singularidade e as potencialidades desses indivíduos. Essa mudança de paradigma é fundamental para a construção de uma educação verdadeiramente inclusiva, que não apenas acolha, mas valorize as diferenças.

Historicamente, o autismo foi primariamente estudado no campo médico, com ênfase nas dificuldades de comunicação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, conforme o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5)* da American Psychiatric Association (APA, 2014). Embora o DSM-5 tenha unificado as diversas condições sob o conceito de ‘espectro’, reconhecendo a heterogeneidade das manifestações, a interpretação do hiperfoco ainda oscilava entre um sintoma e uma ‘obsessão’. No entanto, pesquisas mais recentes (Ashnoff; Abu-Akel, 2021; Dupuis et al., 2022) têm proposto uma reinterpretação do hiperfoco, não como uma limitação, mas como uma ‘força atencional’, uma capacidade de engajamento profundo e sustentado. Ashinoff e Abu-Akel (2021) chegam a afirmar que o hiperfoco é uma ‘absorção completa’ em uma tarefa, a ponto de o indivíduo “ignorar ou 'desligar' completamente tudo o mais". Essa capacidade de imersão é um recurso que a educação deve aprender a explorar.

Para fundamentar essa ressignificação e embasar a aplicação do hiperfoco como estratégia didática, torna-se imperativo recorrer às teorias da aprendizagem e do desenvolvimento humano, que oferecem lentes conceituais para entender como o conhecimento é construído, mediado e afetivamente experienciado.

Jean Piaget: A Construção Ativa do Conhecimento

A epistemologia genética de Jean Piaget (2007) defende que o conhecimento não é meramente recebido, mas ativamente construído pelo sujeito por meio de suas interações com o ambiente. Os processos de assimilação (incorporação de novas informações a esquemas existentes) e acomodação (modificação de esquemas em função de novas informações) são centrais para o desenvolvimento cognitivo. Para Piaget, o desenvolvimento ocorre em estágios sequenciais, nos quais a criança reorganiza sua compreensão do mundo.

A relevância da teoria piagetiana para o hiperfoco no TEA reside na ideia de que a aprendizagem é um processo ativo. Mesmo com as particularidades no processamento de informações e nas interações sociais, o aluno com TEA, imerso em seu hiperfoco, demonstra uma capacidade notável de exploração e aprofundamento. Um aluno fascinado por dinossauros, por exemplo, pode assimilar e acomodar uma vasta quantidade de informações sobre espécies, eras geológicas, hábitos alimentares e evolução, construindo esquemas cognitivos complexos a partir desse interesse. A estratégia pedagógica, portanto, deve criar oportunidades para que essa construção ativa ocorra, utilizando o hiperfoco como ponto de entrada para o engajamento cognitivo. A profundidade de atenção proporcionada pelo hiperfoco pode levar a um aprendizado mais robusto e duradouro, desde que o ambiente educacional ofereça estímulos que dialoguem com essa predisposição.

Lev Vygotsky: A Mediação Social e as Ferramentas Culturais

A teoria de Lev Vygotsky (1993) enfatiza o papel crucial das interações sociais e da cultura no desenvolvimento cognitivo. Para Vygotsky, o desenvolvimento humano é um processo mediado, onde a linguagem e as ferramentas culturais (como livros, mapas, tecnologias) são essenciais para a construção do conhecimento. O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) – a distância entre o que o indivíduo pode fazer sozinho e o que pode fazer com o auxílio de um mediador – é fundamental.

No contexto do TEA e do hiperfoco, a teoria Vygotskiana oferece um potente arcabouço para a mediação pedagógica. O professor atua como mediador, utilizando o hiperfoco como uma "ponte" para a ZDP do aluno. Se um aluno tem hiperfoco em planetas, o professor pode introduzir conceitos de gravidade, órbitas e composição estelar que, inicialmente, estariam além de sua compreensão autônoma, mas se tornam acessíveis quando conectados ao seu interesse intenso. Ferramentas culturais, como um jogo digital baseado em missões científicas servem como mediadores poderosos, tornando o conhecimento científico mais acessível e engajador. A interação, mesmo que adaptada, e a mediação de símbolos e ferramentas são cruciais para que o aluno com TEA expanda suas capacidades, transformando o hiperfoco em um vetor para a conexão com o conhecimento e o mundo.

Carl Rogers: A Abordagem Centrada no Indivíduo e a Aprendizagem Significativa

Carl Rogers (1992), expoente da psicologia humanista, propôs a abordagem centrada no indivíduo, que se estende à educação. Para Rogers, a aprendizagem mais significativa ocorre quando o conteúdo é relevante para os propósitos do aluno e quando há um ambiente de aceitação, compreensão empática e autenticidade. O professor é visto como um facilitador, criando condições para que o aluno descubra e construa seu próprio conhecimento, respeitando sua singularidade e ritmo.

A relevância da teoria de Rogers para o hiperfoco é inegável. Ao valorizar o interesse intrínseco do aluno (o hiperfoco), alinha-se diretamente à premissa Rogeriana de que a motivação interna é um motor poderoso para a aprendizagem. Quando o conteúdo de Ciências é conectado aos interesses intensos do aluno com TEA, a aprendizagem se torna visceralmente significativa, pois ressoa com suas motivações mais profundas. Isso não apenas amplifica o engajamento, mas também fomenta um senso de autonomia e autoeficácia. Criar um ambiente onde os interesses do aluno são validados e utilizados como ponto de partida pode diminuir a ansiedade e impulsionar a motivação, facilitando a aprendizagem e a comunicação, mesmo diante dos desafios que o TEA pode apresentar.

Henri Wallon: A Afetividade no Desenvolvimento Integral

Henri Wallon (2007) enfatizou a indissociabilidade entre afetividade, cognição, motricidade e meio social no desenvolvimento humano. Para Wallon, o desenvolvimento é dialético, e as emoções e sentimentos desempenham um papel central na formação da consciência e na interação do indivíduo com o meio.

A perspectiva de Wallon oferece uma visão holística para compreender o aluno com TEA. A afetividade, muitas vezes complexa no autismo em termos de expressão e reconhecimento, é vital para o engajamento na aprendizagem. Ao reconhecer e validar os interesses do hiperfoco, a estratégia pedagógica toca na dimensão afetiva do aluno, gerando prazer e satisfação no processo. A motivação intrínseca do hiperfoco pode ser um caminho para fortalecer os laços afetivos com o conteúdo e o ambiente escolar, contribuindo para um desenvolvimento mais harmonioso e integral. A valorização dos interesses do aluno, portanto, transcende a mera didática; é um reconhecimento de sua singularidade afetiva e uma forma

de promover seu bem-estar emocional, impactando positivamente o desenvolvimento cognitivo e social. Wallon nos lembra que a aprendizagem não é apenas racional; é também um ato de emoção e conexão.

Em síntese, as teorias de Piaget (2007), Vygotsky (1993), Rogers (1992) e Wallon (2007), formam um alicerce teórico robusto para ressignificar o hiperfoco. Elas permitem compreender o aluno com TEA como um sujeito ativo na construção do conhecimento, que se desenvolve por meio de interações sociais e afetivas, e cuja aprendizagem é potencializada quando seus interesses e propósitos são valorizados. A Educação Especial, ao incorporar essas perspectivas, move-se de um modelo de 'déficit' para um de 'potencialidade', pavimentando o caminho para uma inclusão mais autêntica e eficaz.

Desenvolvimento do tema

A transposição das lentes teóricas da aprendizagem e do desenvolvimento humano para a prática pedagógica, no que tange ao hiperfoco em alunos com TEA, representa o cerne da proposta de uma educação de Ciências verdadeiramente inclusiva. O objetivo não é apenas reconhecer o hiperfoco, mas sim utilizá-lo como um vetor potente para a construção de conhecimento significativo e duradouro.

A Educação Especial, em sua complexidade, tem evidenciado a necessidade de abordagens pedagógicas específicas para o crescente número de estudantes com TEA. A questão central que emerge é: de que forma podemos utilizar o hiperfoco como estratégia didática para ampliar as possibilidades de aprendizagem no ensino de Ciências, melhorando inclusive a comunicação com alunos autistas? A resposta a essa indagação reside na capacidade do educador de atuar como um mediador sensível e criativo.

A trajetória para ressignificar o hiperfoco e transformá-lo em uma estratégia didática no ensino de Ciências envolve etapas claras e uma perspectiva interdisciplinar que transcende a mera compartimentalização do conhecimento. As contribuições específicas do presente estudo pautam-se em:

Identificação e Validação do Hiperfoco como Ponto de Partida

O primeiro passo prático é a identificação dos interesses intensos do aluno. Isso requer uma observação participante atenta, diálogos direcionados com o estudante e sua família, e o uso de instrumentos como roteiros de observação que permitam mapear os temas, objetos ou fenômenos que capturem a atenção do aluno de forma profunda. Validar o hiperfoco significa reconhecê-lo como uma força, e não como uma rigidez a ser quebrada. Quando um aluno fala incessantemente sobre um tipo específico de dinossauro ou um complexo sistema solar, ele não está 'obsessivo', mas sim manifestando uma porta de entrada para a aprendizagem. Essa validação inicial, pautada nos princípios Rogerianos, estabelece um ambiente de aceitação e respeito, essencial para qualquer processo de ensino-aprendizagem significativo.

Conexão Curricular e Interdisciplinaridade

Uma vez identificado o hiperfoco, o desafio pedagógico reside em relacioná-lo aos conteúdos de Ciências previstos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Aqui, a criatividade e a flexibilidade do professor são cruciais. Se o hiperfoco é em veículos, por exemplo, é possível explorar conceitos de física (força, movimento, energia), química (combustão, materiais), biologia (impacto ambiental dos transportes) e até mesmo geologia (origem dos combustíveis) – tudo a partir de um interesse que já existe. A interdisciplinaridade é inerente a essa abordagem, pois raramente um hiperfoco se restringe a um único campo do saber. O interesse

em ‘dinossauros’ pode desdobrar-se em paleontologia, ecologia, evolução, física (biocinética) e climatologia, integrando diversas áreas do conhecimento de forma orgânica e significativa. O professor, nesse papel Vygotskiano de mediador, auxilia o aluno a expandir sua Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) a partir de um terreno familiar e motivador.

Individualização das Estratégias Didáticas

A heterogeneidade do TEA exige que as estratégias pedagógicas sejam altamente individualizadas. De um planejamento que considere o hiperfoco, o estilo de aprendizagem, as necessidades de suporte e as habilidades de comunicação de cada aluno. A criação de ‘missões científicas’ personalizadas, como as propostas de jogo, é um exemplo prático dessa individualização. Tais missões podem variar em complexidade, formato e recursos, garantindo que o aluno seja desafiado de forma adequada, evitando tanto o tédio quanto a sobrecarga. A capacidade de hiperfoco, se canalizada adequadamente por meio de atividades individualizadas, pode levar a um engajamento e desempenho notáveis, transformando o que antes era uma barreira em um trampolim para o aprendizado. A adaptabilidade do ambiente de aprendizagem para acomodar as particularidades sensoriais e cognitivas é um diferencial que ressoa com a abordagem de Wallon (2007).

Uso Estratégico de Tecnologias e Recursos Lúdicos

As tecnologias digitais, e particularmente os jogos, podem ser ferramentas poderosas para alavancar o hiperfoco. Um jogo digital interativo, como por exemplo ‘Jogo de Trilha do Hiperfoco’, pode oferecer um ambiente controlado, com *feedbacks* imediatos, recompensas e a possibilidade de repetição – características que são frequentemente atraentes para indivíduos com TEA. A ludicidade inerente aos jogos transforma o processo de aprendizagem em algo motivador e menos aversivo. Ao inserir desafios científicos em um contexto gamificado que dialogue com o hiperfoco do aluno. Por exemplo, construir uma cadeia alimentar com espécies de dinossauros favoritas, ou simular a órbita de planetas que fascinam o aluno - a atenção sustentada é capitalizada para a aquisição de conhecimento. A experiência de Nascimento, Prommerchenkel e Santos (2023) com Pokémon ilustra o sucesso dessa abordagem.

Fomento da Comunicação e Interação Social

Embora a comunicação social seja um desafio central no TEA, o hiperfoco pode se tornar um tema de interesse comum que facilite a interação. Ao discutir ou compartilhar conhecimentos sobre seus hiperfocos, os alunos podem encontrar pontos de conexão com colegas e professores, promovendo a comunicação e a socialização de forma natural. O jogo digital, por exemplo, pode ser desenhado para promover interações cooperativas ou discussões sobre os temas das missões, criando um contexto funcional para a comunicação. Isso contribui para o objetivo de melhorar a comunicação com alunos autistas, pois lhes oferece um tópico seguro e de profundo interesse para iniciar e sustentar interações, desenvolvendo habilidades sociais no processo. A afetividade, tão enfatizada por Wallon (2007), encontra um caminho para se manifestar e se desenvolver por meio dessas interações mediadas pelo interesse.

A ressignificação do hiperfoco no TEA, portanto, não é meramente um conceito teórico, mas um guia prático para uma abordagem pedagógica inclusiva e eficaz. Ela permite que os educadores vejam além das ‘dificuldades’ e identifiquem as ‘potencialidades’ dos alunos, capitalizando-as para um ensino de Ciências que não só transmita conteúdo, mas também fomenta o engajamento, a autonomia e a plena participação do estudante com TEA no

ambiente escolar. É a concretização de uma educação que celebra a neurodiversidade, alinhando-se com as necessidades individuais e a legislação vigente.

Considerações Finais

O presente estudo aprofundou-se na análise do hiperfoco em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) à luz da literatura, buscando ressignificar essa característica sob a ótica de teorias clássicas da aprendizagem e do desenvolvimento humano. A jornada teórica percorrida pelas contribuições de Piaget (2007), Vygotsky (1993), Rogers (1992) e Wallon(2007) demonstraram, de forma inequívoca, que o hiperfoco, frequentemente percebido como uma limitação ou 'obsessão', possui um imenso potencial como força atencional e motivacional no processo educacional.

As teorias analisadas fornecem a base conceitual para compreender por que o hiperfoco é um ativo pedagógico. Piaget (2007) nos ensina que a aprendizagem é uma construção ativa, e o hiperfoco oferece uma via direta para essa construção profunda e detalhada em áreas de interesse. Vygotsky (1993) nos mostra o poder da mediação social e das ferramentas culturais; ao alinhar o hiperfoco com o currículo de Ciências, o professor e as tecnologias - no formato de jogos digitais, tornam-se mediadores eficazes que expandem a ZDP. Rogers (1992) ressalta a importância da aprendizagem significativa, que ocorre quando o conteúdo é relevante para os propósitos do aluno; o hiperfoco é, por definição, intrinsecamente relevante. Por fim, Wallon (2007) nos lembra da centralidade da afetividade no desenvolvimento integral; ao capitalizar o hiperfoco, ativamos a dimensão emocional do aprendizado, gerando prazer e engajamento.

A aplicação prática dessa ressignificação no ensino de Ciências para alunos com TEA revela-se promissora. A identificação cuidadosa dos hiperfocos, a individualização das estratégias didáticas para conectar esses interesses aos conteúdos curriculares da BNCC, o uso de tecnologias lúdicas, como um 'Jogo de Trilha do Hiperfoco' e o fomento da comunicação social mediada pelo interesse comum são caminhos concretos para uma educação mais inclusiva e eficaz. Essa abordagem não apenas melhora o desempenho acadêmico em Ciências, mas também fortalece a autonomia, a autoeficácia e a capacidade de interação dos alunos com TEA, transformando o ambiente escolar em um espaço mais acolhedor e produtivo.

É imperativo que a educação brasileira, alinhada às políticas públicas de inclusão, continue a investir na formação de educadores que compreendam as particularidades da neurodiversidade e que sejam capazes de inovar em suas práticas. A valorização do hiperfoco representa um passo fundamental nessa direção, pois nos permite ver as potencialidades onde antes se viam apenas desafios. Ao invés de tentar 'normalizar' ou 'corrigir' o hiperfoco, a escola deve aprender a canalizá-lo, reconhecendo que a diversidade de mentes enriquece o coletivo e abre novas fronteiras para a produção do conhecimento.

Como desdobramentos e perspectivas futuras, este estudo sugere a necessidade de pesquisas empíricas que validem a eficácia de intervenções baseadas no hiperfoco em diferentes contextos e com um número maior de participantes. A avaliação longitudinal do impacto dessas estratégias no desenvolvimento global dos alunos com TEA, bem como a investigação da aplicabilidade do hiperfoco em outras áreas do conhecimento, são avenidas de pesquisa a serem exploradas. Além disso, o aprimoramento e a disseminação de ferramentas pedagógicas digitais são cruciais para democratizar essas abordagens inovadoras.

Em suma, o hiperfoco no TEA não é um obstáculo, mas uma chave para desvendar o vasto potencial de aprendizagem desses alunos. Ao abraçar essa perspectiva e integrá-la às práticas pedagógicas, especialmente no ensino de Ciências, contribuímos para a construção de um sistema educacional que não apenas cumpre seu papel legal de inclusão, mas que verdadeiramente celebra a riqueza da neurodiversidade, promovendo uma educação mais justa, equitativa e inspiradora para todos.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*: DSM-5. 5. ed. Washington, DC: American Psychiatric Publishing, 2014.

ASHINOFF, B. K.; ABU-AKEL, A. Hyperfocus: the forgotten frontier of attention. *Psychological Research*, v. 85, n. 3, p. 1-13, 2021.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 27 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 27 jun. 2025.

DUPUIS, A. et al. Hyperfocus or flow? Attentional strengths in autism spectrum disorder. *Autism Research*, v. 15, n. 4, p. 642-654, 2022.

NASCIMENTO, T. A. do; PROMMERCHENKEL, V. B.; SANTOS, M. B. C. S. Hiperfoco como caminho para o aprendizado e inclusão de alunos com autismo. *Brazilian Journal of Development*, v. 9, n. 3, p. 11985-12001, 2023.

PIAGET, J. *A Epistemologia Genética*. Petrópolis: Vozes, 2007.

ROGERS, C. R. *Terapia centrada no cliente: sua prática atual, implicações e teoria*. Londres: Constable, 1992.

VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.